
O resgate da memória do espaço amazônico por Isabella Thiago de Mello
The rescue of the memory of the Amazonian space by Isabella Thiago de Mello

Juliano Fabrício de Oliveira Maltez

 <https://orcid.org/0000-0002-3220-7458>

Rafael Rodrigo Ferreira

 <https://orcid.org/0000-0002-1889-4466>

Tamiris Tinti Volcean

 <https://orcid.org/0000-0003-0663-8702>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.193716>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/193716>

Recebido em: 27/11/2021. Aprovado em: 27/11/2021.

Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira

São Paulo, Ano 10, n. 19, ago.-dez., 2021.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Universidade de São Paulo.

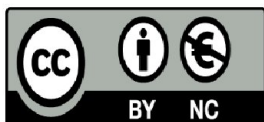
Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.  fb.com/opiniaes

Como citar (ABNT)

MALTEZ, Juliano Fabrício de Oliveira; FERREIRA, Rafael Rodrigo; VOLCEAN, Tamiris Tinti. O resgate da memória do espaço amazônica por Isabella Thiago de Mello. *Opiniões*, São Paulo, n. 19, p. 18-28, 2021.

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.193716>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/193716>.

Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais

o resgate da memória do espaço amazônico por isabella thiago de mello

The rescue of the memory of the Amazonian space by Isabella Thiago de Mello

Juliano Fabrício de Oliveira Maltez¹

Universidade de São Paulo - USP

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.193716>

Rafael Rodrigo Ferreira²

Universidade de São Paulo - USP

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.193716>

Tamiris Tinti Volcean³

Universidade de São Paulo – USP

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.193716>

¹ Mestre em Letras e doutorando em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. E-mail: juliano.maltez@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3220-7458>.

² Mestre em Letras e doutorando em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. E-mail: rafael.rodrico.ferreira@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1889-4466>.

³ Mestra em Comunicação Midiática pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” e doutoranda em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. E-mail: tamiris.volcean@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0663-8702>.

comentário introdutório

A entrevista que compõe a décima nona edição da Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira foi realizada com a escritora Isabella Thiago de Mello, que, além de apresentar criações próprias, também resgata a memória do espaço amazônico por meio dos trabalhos biográficos que desenvolve atualmente, todos voltados à trajetória de vida de seu pai, o poeta e tradutor brasileiro Thiago de Mello.

A conversa foi conduzida pelos editores responsáveis pela Opiniões 19: Juliano Fabrício de Oliveira Maltez, Rafael Rodrigo Ferreira e Tamiris Tinti Volcean.

Isabella Thiago de Mello nasceu no Chile, mas foi naturalizada brasileira em Manaus, capital do estado do Amazonas. Desde sua naturalização, Isabella carrega fortes vínculos com as narrativas amazônicas, uma vez que cresceu junto a uma figura paterna que, durante grande parte de sua vida, dedicou-se a escrever sobre a Amazônia a partir de uma perspectiva distante do exotismo e das idealizações que revestem este espaço.

Durante a entrevista, Isabella falou sobre os textos de criação literária que submeteu à edição presente da *Opiniões*, “O boto, duas palavras sobre a lenda”, “A lenda do Boto” e “Cobra Grande”, os quais podem ser lidos na íntegra na seção **Criação Literária**, além de compartilhar suas visões e posicionamentos sobre a ficcionalização e o real no imaginário amazônico, e apresentar o desenvolvimento de projetos, como o documentário *Thiago de Mello 70 anos de Amazônia* e a pesquisa *As antigas civilizações amazônicas*, com seus desdobramentos.

Primeiramente, vamos falar sobre a criação literária de Isabella Thiago de Mello, que faz jus à tradição das narrativas curtas e dialoga com as lendas popularmente concebidas entre as populações ribeirinhas da floresta Amazônica, como também é o caso de José Veríssimo com “O boto” e “O crime do tapuio” e Inglês de Souza com “Acauã” e “O baile do judeu”, textos publicados nas últimas décadas do século XIX⁴.

Antes de iniciar propriamente a narrativa do boto, você insere um texto preliminar que procura esclarecer algumas questões que envolvem a conservação de hábitos culturais, além de mobilizar dados científicos que resultam de pesquisas do INPA. Posteriormente, chegamos ao mergulho ficcional e, neste ponto, nota-se que você não abre mão de certa materialização

⁴ Referência para esta pergunta: MALTEZ, Juliano F. de O. A Amazônia na ficção de José Veríssimo e Inglês de Sousa. *Entrelaces*, v. 1, n. 18, 2019.
<http://www.periodicos.ufc.br/entrelaces/article/view/40782>

do imaginário amazônico e de seu poder de ficcionalização no mundo “real” das coisas.

A nossa pergunta inicial é a seguinte: como você entende essa relação entre o imaginário amazônico, a ficcionalização e o real, na composição de sua narrativa?

Isabella – Obrigada pela pergunta, porque ela é muito pertinente. A primeira coisa a ser dita é que “a lenda porque lenda é verdadeira” [citação do livro *A lenda da rosa*]. Não existe nenhum fenômeno que se transforme em lenda que antes não tenha passado pelo mundo real.

Trazendo essa reflexão para minha trajetória pessoal, é preciso dizer que nasci no Chile e, quando cheguei do exílio, meu pai me levou ao Amazonas para que eu fosse naturalizada brasileira, com quase seis anos de idade. Hoje, eu sou chilena e manauara, o que é motivo de muito orgulho para mim.

Quando cheguei pela primeira vez em Manaus, saí do avião, pisei naquele solo sagrado e já pude sentir o ar quente e o calor úmido, além de encontrar no povo, aquela mistura do africano com índio, que é a coisa mais bonita que existe no nosso país.

As lendas e os causos, tão presentes nos interiores da floresta, também estavam em Manaus, como a mais famosa delas, que é a do fantasma do maestro que muitas pessoas dizem ter avistado na cúpula do Teatro Amazonas.

Neste caso, todos os fenômenos que imaginamos e, em seguida, transformamos em lendas ou causos, existem, são reais, porque, antes, fizeram parte das narrativas de inúmeras pessoas.

Para o meu texto de criação literária, especificamente, escolhi as figuras mais próximas e mais conhecidas, que são a do boto e a da cobra grande. Eu sou apaixonada por animais e gosto muito de observar seus comportamentos, por isso, incluo fatores do mundo real, como o sexo entre os botos, atrelados a acontecimentos imaginários, que complementam o enredo do conto.

É importante lembrar que, nas regiões mais remotas do país e também da floresta, a lenda do boto consegue sublimar o machismo. Ou seja, muitas mulheres são salvas de destinos cruéis devido o respeito atribuído às narrativas lendárias destes espaços.

No meu texto, todas as facetas da lenda são reais, ou seja, passaram pela realidade do mundo concreto, antes de fazerem parte da narrativa fantástica e imaginária, portanto, há, no desenvolvimento da narrativa, certo grau de verossimilhança e ataque ao real.

Observando a construção da sua narradora, percebe-se uma peculiaridade quanto ao tipo de enunciativa, que não podemos reconhecer simplesmente como uma narradora em primeira pessoa, protagonista, mas como narradora personagem. Talvez, até preferimos pensar num tipo de narradora autora, uma vez que há aspectos da escrita que permitem ao leitor reconhecer na enunciativa da narrativa a filha do poeta Thiago de Mello. O texto trata-se, portanto, de suas memórias da região amazônica o seu maior campo referencial de criação.

Na escolha por este tipo de narradora-autora, destaca-se a construção de uma personagem que ganha força em *A Lenda do Boto* e em *A Cobra Grande*, que é a tia Francisca, “*descendente dos pajés sateré-maués*”, a qual chega também a narrar indiretamente os causos, pela voz da narradora.

Você conjecturou, em algum momento, permitir que a tia Francisca contasse suas próprias histórias?

Isabella – Sim, a tia Francisca existe e eu tive a honra de, na produção de um documentário, colher ótimas histórias dela, as quais estão gravadas e documentadas.

Ela é uma entidade que protege todos a sua volta e é a única, além de minha avó Maria, que dá ordens a meu pai. Se tem qualquer problema na cidade, pode ir à casa da tia Francisca, porque ela é apaziguadora e preza pela justiça, carregando consigo as leis sagradas, traduzidas em lendas e em sua espiritualidade, e as leis dos homens. Infelizmente, ela faleceu há algum tempo, mas não há uma lenda, um caso, uma história, uma só linha que não seja a tia Francisca narrando. Mesmo que eu não queira incluí-la na narrativa, ela é maior que eu.

Um dos meus maiores aprendizados com a tia Francisca foi a importância da tradição oral, essa tradição da avó contar as histórias para seus filhos e netos, de geração em geração. Eu tive a honra de ouvir essas histórias e ensinamentos da tia Francisca pessoalmente.

Vale lembrar que muita coisa que papai, Thiago de Mello, escreve em suas poesias também é tia Francisca, completamente. Ela tomou conta do meu pai, a partir do momento em que ele a chama para ser sua cozinheira e ela se torna muito mais que isso.

Nas minhas histórias, eu a coloco como personagem, mas ela vem também para a posição de narradora. Eu tento fazer essa trama como homenagem à tia Francisca.

Já que você começou a falar sobre o seu pai, Thiago de Mello, vamos para a questão sobre *A lenda da rosa* (1956), um dos livros de Thiago poeta, do qual você retira a passagem “a lenda, porque lenda, é verdadeira”, que tanto serve como entrada geral do bloco das narrativas trazidas para nossa apreciação, quanto para o seu encerramento.

Gostaríamos que você comentasse um pouco a respeito dessa obra, ao que parece bem significativa para o seu processo narrativo, e também nos trouxesse o que você acredita ser o entendimento do poeta nesta frase sobre a importância da lenda para confirmar uma cosmogonia das populações ribeirinhas da floresta amazônica, em contraponto dos influxos do mundo urbano, das capitais.

Isabella – “A lenda, porque lenda, é verdadeira” é um verso que abre *A lenda da Rosa*, um livro singular e muito bonito. O poeta Thiago de Mello já escreveu mais de 70 livros, mas *A lenda da Rosa* é, sem dúvidas, um dos meus preferidos.

Neste livro, ele traz a lenda que se popularizou cantigas populares de roda, que é a história do amado, da amada, do Anjo Solidão e do bosque, esse oásis, esse espaço sagrado que os aparta do mundo dos homens.

A lenda da rosa é a lenda do casal apaixonado, a lenda que descreve o nascimento da paixão humana.

No livro é possível confirmar o que afirmei na primeira resposta dada à entrevista, quando digo que a lenda só se torna lenda quando trata de um fato verdadeiro, que realmente existiu ou existe no discurso das pessoas que o constroem. Ou seja, a lenda só se sustenta porque, além de ser real, ela é transmitida oralmente de geração para geração, de vila em vila, de casa em casa, instalando-se no inconsciente de uma região.

Finalizando as perguntas sobre a criação literária e a concepção de real e imaginário nas narrativas da autora e escritora, deste ponto em diante, trataremos da Isabella Thiago de Mello pesquisadora, que desenvolve trabalhos de extrema importância para o resgate memorialístico do espaço amazônico a partir da documentação escrita e audiovisual da trajetória de seu pai, que é uma das figuras mais importantes da literatura do país, e, também, dos povos que ali viveram antes e depois de sua chegada do exílio.

Cercando-nos de seus trabalhos como pesquisadora, sabemos que escrever biografias é sempre um trabalho árduo e de grande envolvimento, uma vez que se faz necessário mergulhar na vida e na obra do biografado. No seu caso, a proximidade é ainda maior, pois estamos falando de um trabalho documental e de pesquisa da carreira do seu próprio pai.

Como surgiu a ideia de realizar esse projeto e resgatar a memória de Thiago de Mello, sobretudo do documentário *Thiago de Mello 70 anos de Amazônia* e na pesquisa *As Antigas Civilizações Amazônicas* ?

Quais são as maiores dificuldades de contar a história do próprio pai, dissociando a imagem de progenitor e poeta, de afeto paterno e admiração profissional?

Isabella – Primeiramente, quero agradecer aos meus professores, à tia Francisca e ao meu pai por terem me permitido realizar esses trabalhos.

Em relação à primeira pergunta, é preciso dizer que estes são dois projetos distintos e, para responder ao questionamento, é preciso relembrar o nosso retorno do exílio, quando meu pai decide não morar no Rio de Janeiro, mas decide morar e construir sua casa no interior da floresta amazônica, que é o seu local de nascimento.

Durante minha infância, passei grande parte das férias escolares com o meu pai, no Amazonas. No entanto, quando ingressei na universidade, não foi mais possível visitá-lo com tanta frequência.

Por instinto e amor a meu pai e à região, começo a criar e a me envolver com projetos que me permitam voltar à Amazônia, dessa vez trabalhando e não mais apenas como filha de Thiago de Mello. *As antigas civilizações Amazônicas* é um bom exemplo destes projetos que me aproximaram da região e de meu pai, durante a minha formação na universidade.

No documentário *Thiago de Mello 70 anos de Amazônia*, minha intenção era iniciar um percurso biográfico da trajetória do poeta que sempre utilizou metáforas e elementos da Amazônia em suas produções, material que está sendo utilizado também para compor a biografia na qual estou trabalhando junto ao Instituto Thiago de Mello.

É importante dizer que a Amazônia faz parte do processo de integração cultural da América Latina, do processo de integração cultural dos países amazônicos. Narrativas amazônicas são, portanto, narrativas interculturais, e o Thiago de Mello sempre procurou ressaltar isso em seus escritos, principalmente no livro *A poesia se encontra na floresta* [2001], em que ele reúne poetas de diferentes países amazônicos, quando fica evidente a sua luta ativa por essa integração.

Outro exemplo é o livro *Poetas da América de Canto Castellano* [2011], no qual reúne mais de duzentos poetas da América Latina e da América Central, demonstrando, mais uma vez, a sua importância e a importância de que se desenvolva trabalhos sobre a sua vida e trajetória literária, como este no qual estou me debruçando.

Além disso, Thiago também atuou como tradutor de obras de autores latinos importantes, como Pablo Neruda, Ernesto Cardenal, César Vallejo e Nicolás Guillén, que contribuíram para a sua bandeira de integralização da América Latina.

Neste projeto de conhecer a fundo a biografia de meu pai, devo ressaltar uma outra bandeira defendida por ele após a chegada das ditaduras financiadas pelos Estados Unidos aos países latinos. Neste período, ele sofreu, foi perseguido, preso, teve seus livros queimados. Isso foi um divisor de águas em suas obras e o tornou ainda mais relevante para a história do país.

Quanto às dificuldades de contar a história do meu próprio pai no documentário *Thiago de Mello 70 anos de Amazônia*, há o fato de lidar com histórias que foram divulgadas e não são verdadeiras, além de contribuições que não fazem jus à imagem do poeta e genitor.

Muitas vezes, é impossível fazer o distanciamento entre a minha posição de filha e pesquisadora. No entanto, desde que comecei a trabalhar com a biografia⁵ de meu pai, tento enxergar ganchos literários que se relacionem com a sua trajetória, como o Modernismo da Geração de 45. E claro, ver na fortuna crítica literária a recepção da obra de Thiago de Mello aos 25 anos, por Sérgio Buarque de Holanda e Sergio Milliet. Contudo, nesta busca por material da época em questão, tive que ler alguns jornais para me contextualizar e, neste processo, me deparei com muitos equívocos jornalísticos.

Os projetos da biografia e da filmagem de um novo documentário podem ser uma oportunidade para esclarecer equívocos jornalísticos, sendo o maior deles o fato de que Thiago de Mello conheceu Pablo Neruda no exílio, o que não é verdade, uma vez que eles estreitaram laços muito antes do período ditatorial se instalar no Brasil. Quem apresentou papai ao Neruda foi Jorge Amado, em 1960 e, depois disso, ambos desenvolveram uma ótima relação pessoal e literária.

⁵ Esta entrevista contou com o apoio de texto biográfico preparado pela escritora Isabella Thiago de Mello sobre o poeta: *Dossiê: Thiago de Mello – Breve Biografia e Pesquisa histórica*. Manaus: UFAM, 2017. (Trabalho que deverá ter nova edição com apoio da Secretária de Cultura do Estado do Amazonas em parceria com o Instituto Thiago de Mello)

Vale sublinhar, também, o seu interesse na defesa do tombamento, recuperação e restauro das casas projetadas por Lúcio Costa, presentes do arquiteto ao seu pai, na cidade de Barreirinha, no estado do Amazonas.

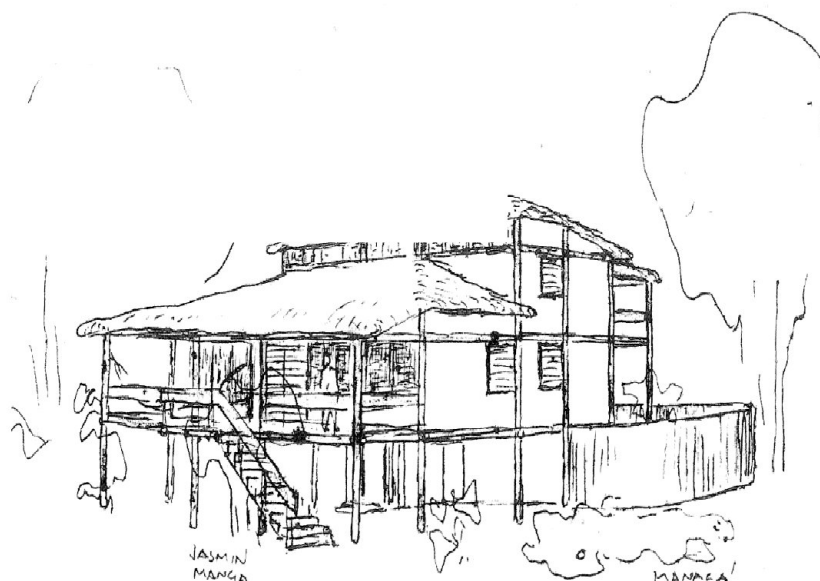
Neste sentido, gostaríamos de saber como está esse processo de tombamento e pedimos que você estabeleça relações entre estes espaços arquitetônicos, a literatura produzida pelo seu pai e, agora, por você.

Isabella – Eu vou começar com uma informação de que, até então, não sabíamos que qualquer pessoa física pode solicitar o tombamento de um imóvel. A gente só soube disso agora, depois de quase acontecer uma tragédia.

Para começar a história, meu pai nasceu na fazenda de cacau de seu avô Gaudêncio, no município de Barreirinha, interior da floresta amazônica. Aos seis anos, mudou-se para Manaus e, depois, partiu para o Rio de Janeiro para estudar Medicina. Durante o exílio, ele começa a sentir saudade do Brasil e, sobretudo, da floresta amazônica. Nas universidades alemãs e inglesas, percebeu que os professores e estudantes de lá tinham mais conhecimento da Amazônia que ele e, então, decidiu ir a Portugal estudar História do Brasil na Universidade de Coimbra.

Pela saudade e pela decisão de querer estudar e preservar a Amazônia, ele toma a decisão de morar na floresta, em Barreirinha, quando retorna ao Brasil.

Neste período, em 1978, o arquiteto conhecido internacionalmente, Lúcio Costa, faz o projeto de moradia de meu pai, além de muitos outros colocados em prática nesta região.



O Porantim, uma das casas que integra o processo de tombamento⁶

⁶ Desenho original publicado no livro *Lucio Costa: registro de uma vivência* (1995).

Em determinado momento, papai vende as casas construídas, com a intenção de promover um espaço cultural para o município de Barreirinha. No entanto, com o tempo o espaço ficou abandonado e sofreu alterações absurdas, como a vedação das janelas.

O jornal Folha de S. Paulo fez uma matéria, denunciando o abandono do espaço e anunciando a demolição da Casa da Frente. Dias depois, o IPHAN embargou a obra da Prefeitura Municipal devido a fatores ambientais e, também, porque o imóvel se encontra na beirada do rio, onde se encontram muitos sambaquis. Não é possível fazer uma demolição à beira do rio sem um estudo arqueológico anterior. A obra está embargada até hoje e nenhuma análise arqueológica foi feita no território.

Eu e meu pai fizemos uma dissertação e entramos com o pedido de pessoa física para o tombamento do imóvel, a partir da reunião de documentos e informações sobre o projeto de Lúcio Costa. Havia muitos subsídios acadêmicos para o pedido.

Tanto Lúcio, quanto Thiago têm vínculos profundos com a Amazônia, familiares, de útero, porque seus antepassados estão ali.

Por isso, a memória de Lúcio Costa deve ser preservada em suas obras, assim como a memória e a produção de meu pai.

O projeto está na última instância, em Brasília, faltando apenas uma assinatura.

Curiosamente, menciono ainda que papai recebeu Gabriel García Márquez lá no Porantim, como também Ernesto Cardenal, o poeta padre nicaraguense, os dois escritores estiveram na casa da floresta.

Resgatar a memória do espaço amazônico, sobretudo partindo de uma perspectiva de quem se relacionou intimamente com ele, seja por meio das relações familiares com Thiago de Mello ou pela afetuosidade desenvolvida ao longo da vida, quando você esteve próxima à cultura e aos povos da floresta, é uma missão bastante complexa.

Em seus trabalhos autorais e como pesquisadora, percebo uma grande preocupação em se distanciar do exotismo e buscar apresentar esses espaços reais e ficcionais de uma forma que retrate a Amazônia da maneira como seus verdadeiros habitantes a enxerga.

A seu ver, qual o elemento narrativo essencial para registrar e restar essa memória do espaço amazônico? Como a literatura pode ajudar a reconstruir esse espaço no imaginário popular, dentro e fora do Brasil?

Em linhas gerais, como fazer para narrar histórias no espaço amazônico sem cair no senso comum?

Isabella – Antes de tudo, é preciso definir o que é o senso comum. O que eu acho importante, de uma forma geral, é a preservação da nossa cultura popular, que se dá na oralidade, no contexto da tradição oral passada de geração para geração e vivida naquela região, na qual a grande parte das crianças não têm acesso à escola.

Para isso, é preciso investir em Educação, na escola como mediadora da preservação da tradição oral e da Literatura escrita, que é fundamental e, para acessá-la, é preciso aprender a ler.

É preciso preservar o que é nosso, a cultura como uma forma de se viver, promovendo a Educação para se preservar e, além disso, é preciso ter noção e consciência de que a floresta amazônica é o maior patrimônio do Brasil e, por isso, é importantíssimo manter essa floresta em pé, com parceiros no mundo científico.

Escrever, hoje, sobre a Amazônia, sobre as nossas lendas e o nosso modo de viver é uma forma de evitar que a nós, brasileiros, percamos nossas tradições e nossos valores, sobretudo com a vinda do estrangeiro e a imposição de outras culturas.

Além disso, vale lembrar que a Amazônia é o fator de união da América Latina, é a materialidade dessa união.